

Técnicos condenam Cidade Estrutural

Fernanda Lambach

A implantação do projeto Cidade Estrutural coloca em risco o Parque Nacional de Brasília e a saúde das pessoas que se instalarem na região.

É o que garantem técnicos da Secretaria do Meio Ambiente Ciência e Tecnologia (Sematec), preocupadíssimos com a aprovação, em primeiro turno, do projeto do deputado José Edmar (PSDB).

Segundo os técnicos, a área do Lixão está contaminada por gases e pelo cherume (suco do lixo) que corrói a terra e polui os lençóis freáticos.

Mesmo separada do Lixão por uma zona tampão, de segurança, a região destinada às indústrias, ainda que menos poluída, não é apropriada para o assentamento de famílias.

Flávio Montiel, vice-diretor do Instituto de Ecologia e Meio Ambiente, demonstra ainda que o terreno em que José Edmar pretende assentar as famílias não terá tão cedo redes de esgoto.

“Uma rede de esgotos naquela região terá que atravessar todo o Plano Piloto até chegar à estação de tratamento da Asa Sul ou da Asa Norte. Um absurdo!” exclama.

Outra preocupação com a criação da cidade é uma possível invasão do Parque Nacional de Brasília, área de conservação ambiental, ou da APA do Descoberto.

O próprio Plano Diretor de Ordenamento Territorial, de 1983, não define a região do Lixão como sendo de ocupação urbana.

“O adensamento populacional na localidade pode acabar gerando sérios problemas. A decisão também tem que ser técnica e não só política”, enfrenta Flávio Montiel.

Fotos: Tina Coelho



A área do Lixão está contaminada por gases e pelo cherume, que é o suco do lixo, segundo os técnicos do IEMA



Outra preocupação com a criação da cidade é a invasão do Parque Nacional

Briga do tostão com o milhão

O criador do projeto da Cidade Estrutural, deputado Zé Edmar, acha que o Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) deve ter sido “viciado”, ou seja, feito para favorecer os empresários de Brasília.

“Isso é uma briga do povo do tostão com o povo do milhão”, comenta Edmar.

Ele enfrenta a polêmica dizendo que os empresários não querem ocupar áreas menos nobres, como a da região de Santa Maria, ou do assentamento de São Sebastião.

“Eles não querem pobre por perto”, ataca Zé Edmar.

O vice-presidente da Federação das Indústrias do Distrito Federal, Evandro Kalume, afirma que a votação em primeiro turno do projeto subverteu totalmente a ordem.

“A área já estava destinada, por lei, às indústrias. Elas vão gerar novos empregos e ampliar a arrecadação de impostos”, justifica.

Segundo Kalume, os empresários ficariam responsáveis por toda a implantação da infra-estrutura da região e pela preservação de uma faixa de 300 metros próxima do Parque Nacional de Brasília.

“Nosso compromisso abrange, inclusive, o plantio de árvores”, diz o vice-presidente da Fibra.

O secretário de Indústria e Comércio, Carlos Alberto Torres, também se diz preocupado com o projeto.

“Nós temos oito cidades iniciadas no outro governo e 27 expansões habitacionais que poderiam receber essas famílias”, afirma.

Segundo ele, o governador Cristovam ganhou as eleições provando exatamente que não se pode doar lote com fins eleitoreiros.

José Edmar garante que não está pensando em eleições. “Esta luta é minha desde 1987, e nem estamos em época de eleição. O que é que eu estaria pleiteando?”, desafia.

Assentamento é motivo de orgulho

“Eu tenho muito orgulho do meu trabalho no lixo”, conta dona Maria, que não quer dar o sobrenome porque prefere ser chamada assim: Maria.

Aos 54 anos de idade, há 20 no Lixão, ela diz que já foi doméstica e que trabalhou em uma firma, mas hoje sustenta a família vendendo papelão e plástico reciclável.

“Eu prefiro o Lixão porque aqui ninguém manda em mim”, afirma.

Darquinha, que mora na invasão do lixo há mais de dez anos, diz que gostaria que o governo criasse a Estrutural para abrigar as famílias que vivem lá.

“Eu vou ter orgulho de morar numa cidade que nasceu do lixo, contanto que limpem a área e que deem emprego para todo mundo, principalmente para os menores”, exige.

Crianças, velhos, mulheres até mesmo grávidas mergulham entre latas, vidros quebrados, restos de

comida, papéis, moscas e baratas para separar o que é ou não é reciclável.

Em pleno trabalho, alguns meninos aparentando seis, oito anos, fazem das pás e catadores de papel cavalinhos de pau. Isso, enquanto atravessam de um lado para outro o lixo.

Ana Paula, 8, conta que a melhor surpresa que o lixo já reservou para ela foi uma boneca.

“Está comigo até hoje”, sorri a menina, voltando para o trabalho de cavucar.

Rapina - O lixo atrai também desempregados de cidades como Santa Maria e Samambaia.

“Aqui tem gente que faz R\$ 100,00 por semana”, conta Ricardo Santos, 12, há um ano no Lixão.

Manoel Viana, mais conhecido como Tetéu (ave de rapina que caça durante o dia e a noite), abraça os amigos e diz que já fez R\$ 250,00 em um dia.

“Eu votei no Cristovam e não

acredito que ele vai, justo agora, deixar de dar um lote para a gente”, conta Tetéu.

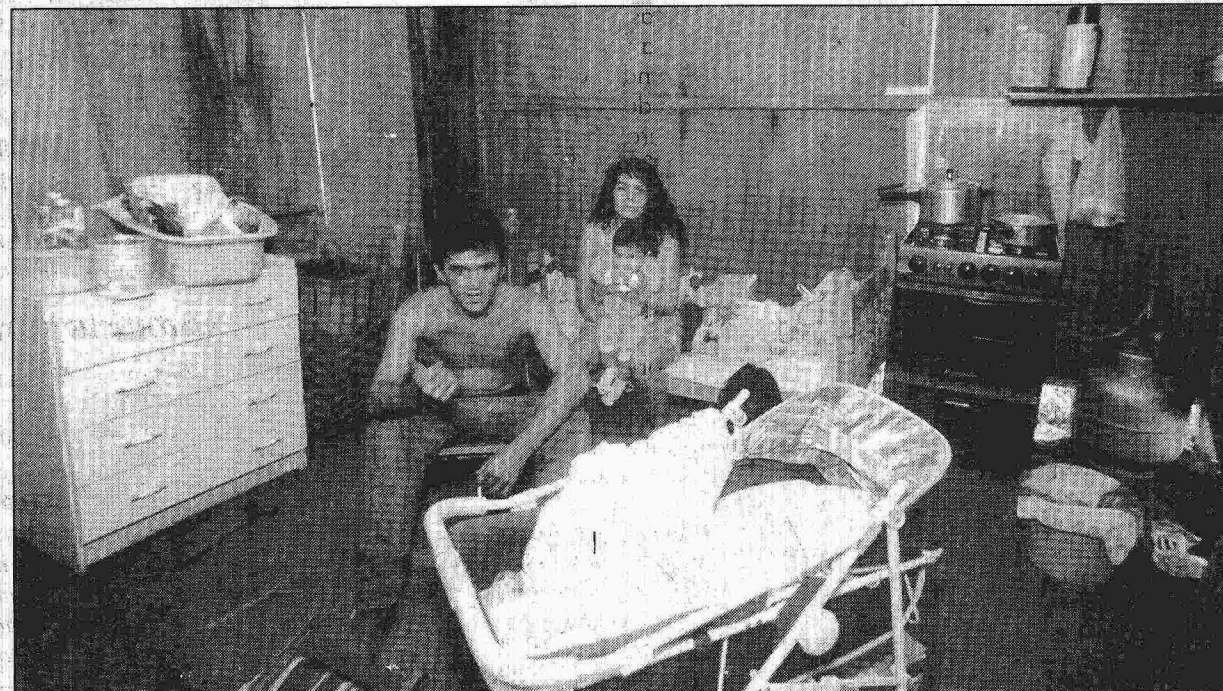
Todas as 580 famílias que vivem no Lixão, e foram para lá porque não tinham emprego e encontraram no aterro sanitário uma maneira de viver, hoje discutem o projeto de assentamento proposto pelo deputado do PSDB, José Edmar.

Darquinha diz saber que o governo também pretende transferir as famílias do Lixão para cidades como Ceilândia, Recanto das Emas e Riacho Fundo.

“Se tirar isso daqui da gente (o Lixão), a nossa situação corre o risco de piorar”, enfatiza.

Darquinha diz exercer com dignidade a atividade de catadora de lixo para comprar comida e sobreviver. Ela acha que do Lixão ninguém vai querer sair.

Apressada volta aos entulhos. “Deixa eu trabalhar. Senão, é aí que a gente não ganha nada mesmo”.



Gilmar e Lúcia Soares moram, desde sexta-feira, em um barraco improvisado na área da futura cidade do Lixão

A EVOLUÇÃO DA INVASÃO

Barracos de famílias do Lixão cadastrados:

528

Invasão da Estrutural:

Barracos em dezembro de 1994:

142

Barracos em fevereiro de 1995:

790

Barracos em abril de 1995:

1.282

Levantamento total:

1.810

Barracos surgem de madrugada

Na madrugada de sexta-feira os “andadores da noite” — invasores que se instalam nos terrenos quando escurece — construíram mais de 100 barracos na região em que deve ser instalada a Cidade Estrutural.

Os números aproximados são da Polícia Militar, que mantém duas patrulhas na área.

O sonho de um lote na nova cidade, a Estrutural, está trazendo famílias e mais famílias para a região. O problema é que nem todos são desabrigados.

“Muitos especuladores se instalam no local. Gente que já tem lote e fica na expectativa de receber mais algum”, explica o coronel do Serviço Integrado de Vigilância do Uso do Solo, Paulo César Alves.

“Infelizmente ainda não conseguimos comprovar”, continua.

Existem quase duas mil famílias instaladas próximas à Estrutural, enquanto o governo pretende instalar somente 580 (aquelas que efetivamente trabalham no Lixão).

Entre os “estrangeiros” do Lixão, está Clóvis Arcebispo de Sena, um mineiro de 58 anos, que está desempregado e não tem como pagar aluguel.

Quando soube da possibilidade do governo distribuir lotes, decidiu se instalar próximo à Estrutural.

Hoje, tem seis posses no local. “Eu recebi de um cara lá, não sei o

Clóvis diz que ouviu durante a noite as marteladas dos invasores que vão se instalando. E garante que se a polícia mandar, abandona o terreno.”

Barracos - Alguns barracos à frente, Leda Cristina, 17, cerrava algumas madeiras que sobram da construção do barraco.

“Nós mudamos à noite. Foi meu pai quem me ajudou a construir o barraco”, conta a menina que, é casada e cria uma criança.

Sexta-feira pela manhã havia uma série de barracos novos como os de Leda, em sua maioria, desocupados.

Alguns eram barracos vermelhos, da mesma cor, como se fizessem parte de um conjunto habitacional improvisado, pronto para ser vendido.

Em um destes barracos vermelhos, está morando a família de Gilmar Soares da Silva e Lúcia Silva Soares.

“Eu pedi essa madeira para um rapaz da firma que trabalho e ele me deu de presente”, garante Gilmar, que só não explica porque a madeira é igualzinha a de outros tantos barracos da região.

“Foi a esposa do administrador da Associação dos Moradores, a Loira, que nos autorizou a morar aqui”, conta Lúcia.

Ninguém sabe contar o sobrenome do presidente da Associação. Alguns o chamam de Joaquim, e dizem que ele é dono de uma mercearia.